



BOLETIM

O GABELENSE

ANO II - N.º 6 - JUN / 2000

Foto de Acácio Oliveira e Manuel Oliveira

ASSOCIAÇÃO dos NATURAIS, EX-RESIDENTES
e AMIGOS da GABELA
Rua Americo Durão, lote 16- 7ºc - 1900 - Gabela
Tel. 21 8482323



PROGRAMA ENCONTRO MOGOFORES

25 DE JUNHO 2000 - PAG 10

EDITORIAL

Apesar de não ser fácil e com uma carolice ímpar da parte do José Santos e do Acácio, muito abnegados, temos mantido a publicação do Boletim, que já vai no n.º 5, quarto ano de existência, o primeiro em Dezembro de 1997.

Em boa hora tivemos a ideia de que os referenciados foram percursos entusiastas, que desejamos permanecer, incentivando novos aderentes e colaboradores a participarem com os seus artigos para que este elo de ligação continue a manter os gabelenses interessados, vivendo de recordações, boas recordações dos tempos que passamos numa terra onde muitos nasceram e,

outros, a adaptaram como sua.

A nossa experiência naquela terra dará a cada um uma boa razão para contar uma história, a história da sua vida e as atribulações vividas que, para muitos, não foi fácil vencer pelas amarguras que sofreram, até que a estabilidade chegasse, para a maioria, sem grandes ambições, que não fosse o conseguir o suficiente para se manterem e manter o seu agregado com dignidade, sempre à custa de muito trabalho e sacrifícios, cumprindo e satisfazendo os seus encargos e honrando os seus compromissos.

Ajudem-nos, apoiem-nos, colaborem criticando e dando ideias para que o nosso



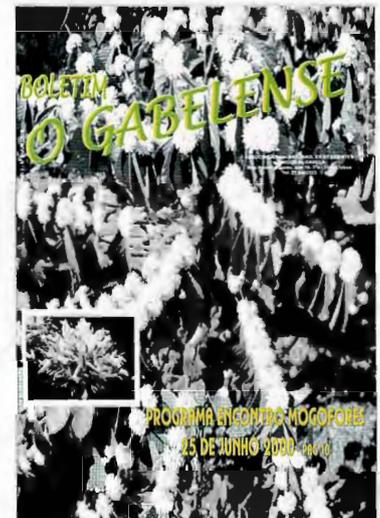
Boletim continue na sua honrosa missão de unir os gabelenses, ligando-os às recordações, boas ou más, que foram a nossa razão de ser numa terra que todos, sem exclusão, com muito trabalho e dedicação, ajudamos a crescer com muito orgulho.

Obrigado a todos.

A Direcção

Índice

Opinião – Recordar é viver	3
Recordar é viver	4
Recordando... Modesto Fevereiro 2000	7
A Angola, aos mortos-vivos e aos vivos-mortos	9
Encontro 2000 – Programa	10
Informar/Comunicar – Exercício Mental	12
Ninguém está cima de qualquer suspeita	13
A Fauna de Angola	15
Ementas tradicionais angolanas	18
Conta corrente da Associação	19
Angola	Última Página



FICHA TÉCNICA



Propriedade: Associação dos Naturais ex-Residentes e Amigos da Gabela

Rua Américo Durão, lote 16 – 7º C – 1900 LISBOA – 21.848 23 23

Redacção: Todos os Gabelenses

Composição Gráfica e Paginação: Elsa de Almeida

Periodicidade: Semestral

1ª página e Impressão: Tipolito – Gráfica Regional, Lda.

Opinião

RECORDAR É VIVER...

Ana Paula Gomes

Na rubrica "Recordar é Viver", que saiu na última edição do "Gabelense", vem em destaque uma homenagem a pessoas que estiveram ligadas, de certo modo, ao desenvolvimento da Gabela.

O autor pede desculpa aos que por seu esquecimento ou falta de espaço, não pode mencionar.

Quem, como eu, cresceu e viveu durante 21 anos nessa terra, não pode deixar de se sentir um pouco triste e até desiludida pela lista "tão pobre" em número de pessoas, que deu o seu contributo para o desenvolvimento dessa cidade.

Diz e muito bem, que seria infinda a lista de figuras notáveis, que deram o seu melhor, eu diria até que deram tudo o que tinham.

Não queria, nem devia citar nomes, pois é contra isso que venho exprimir o meu desagrado, mas sou levada a lembrar aqueles pequenos e médios comerciantes, os fazendeiros, os fabricantes, mecânicos, médicos, professores, enfermeiros e todos os outros das mais variadas profissões, que nessa terra se estabeleceram e sofreram sabe Deus o quê, para serem sempre homens sérios e andarem de cabeça erguida.

Em jeito de saudade e querendo há muito prestar homenagem aos que lá viveram longos anos, muitos deles já não estão infelizmente na nossa companhia, mas que partiram, todos eles, com a "Gabela" no coração, quero salientar alguns que devem ser também recordados pelo amor, empenho e extrema dedicação com que viveram, ajudaram a crescer essa terra e de onde vieram, já com cabelos brancos, filhos crescidos e uma mala cheia de experiências inéditas e recordações inolvidáveis.

Fizeram dela a sua "terra de eleição", também eles aí constituíram família, criaram os filhos e viram, por fim, toda uma vida de trabalho destruída.

Aí vivi 21 anos. Sou daquelas que lá passaram toda a infância, cheia de vivências únicas, em liberdade, correndo e pulando por todo o lado, tomando banho no Mazungue e nas "turbinas", subindo ao morro, trepando às pereiras no largo do hospital, correndo atrás do comboio às quartas-feiras e sei lá mais o quê...

Aí estudei, na escola velha, lembrem-se, no St^a. Rita. Estive numa breve passagem no Infante Sagres. Tudo isso fez com que a saudade desses tempos fosse hoje uma presença constante na minha vida. Aí me fiz mulher, trabalhei e também lutei contra algumas adversidades, ao lado de um grande Homem a quem quero aqui prestar a minha, mais que justa, homenagem, pelo amor que dedicou a essa terra.

Foi para aí pobre e regressou somente rico de experiências e de amor por esse lugar. Como atrás disse, não posso deixar de lembrar "Homens" como Luís Grandella, José Rodrigues ("Rodrigues da Ponte"), Manuel da Pedra, Zé do "talho", Moreira da "Farmácia", Manuel Trindade (da Farmácia), Luís Proença, Dr. Manuel Guimarães, Carlos Gonçalves (mecânico), Sr. Portugal, Venâncio de Sousa, Prof. Amílcar Faria, Dr. Sampaio, Prof. Gameiro, Padre Alexandre, Padre Valentim, Sr. Branco (fotógrafo), Sr. Coimbra, Sr. Louro (sapataria), Irmãos Velez, Irmãos Videira, Sr. Figueira (estação de C. F.), Sr. Pacheco, Sr. Carlos Nazaré, Sr. Capelo, irmãos Vaz, Sr. Ribeiro (Sindicato dos Motoristas), Sr. Amadeu, Sr. Virgílio, Sr. Bastos, Luís, Zé e António de Almeida, os Secundinos, o Mário Midósi do Assango, o Ribeiro (Quipindo), o Sr. Francisco Marchante, o Sr. Isaac e Aguinaldo Ferreira, os irmãos Carvalhos (Capaca), Luís Feigueira, Sr. Agostinho (sapataria), Fernando Matos, Sr. Rosa (casa Lisboa), irmãos Machado (antigos donos do Hotel Guaraná), Camilo Martins, Sr. Martins, irmãos Horácio e Humberto de Oliveira, Sr. Cancela, família Coelho e também, como atrás disse, homenagem, deste modo, a memória do meu pai Dagoberto David (o David da Londrina).

Para mim, estas e mais umas largas, mas mesmo muito largas, centenas de pessoas foram, sem dúvida, grandes pilares no desenvolvimento daquela terra.

Não estava, de certeza, nos seus planos regressarem; por lá se deixariam estar. Só queriam viver em paz, sem grandes riquezas nem envolvimentos políticos. Queriam "coisas" como trabalho, paz e calor humano, que se necessita para haver forças para trabalhar.

Isto que escrevi pode ser um desabafo de quem acabou de ler "O Gabelense", mas a intenção é homenagear todos (sem excepção), os Homens que por lá viveram.

É, deste modo, que quero, ou melhor, gostaria de ver publicadas estas palavras para todos os familiares dos que aqui foram nomeados se sentirem confortados e, até quem sabe, com mais ânimo de viver.

A todos os que já partiram (e já são muitos), a minha saudade imensa e gratidão pelas belas recordações que deles tenho. Aos outros, um abraço e um até à vista.

Nota da Direcção:

A Direcção dos Gabelenses associa-se e aprova a iniciativa, apoiando a autora desta carta, Ana Paula Gomes David, que muito consideramos, desejando, sinceramente, que muitos a sigam falando e escrevendo sobre a nossa Gabela, para que mantenhamos bem viva a chama da nossa saudade que arde em cada espírito e a recordação por uma terra que queremos perpetuar na nossa mente – a nossa querida Gabela –, que todos amamos e na qual vivemos momentos inolvidáveis, sempre com o espírito de mantermos unidos os gabelenses. Para isso se criou e existe o nosso Boletim...

Ajudem a mantê-lo e colaborem com a vossa efectiva participação, enviando-nos os artigos que publicaremos com muito gosto. Sejam pois activos e críticos do Boletim que é de todos...

RECORDAR É VIVER...

Artur Neto Gonçalves

1. MURMÚRIOS DE BÚZIO

Estive durante muitos anos desligado da Gabela e das suas gentes. Mas, ultimamente, tenho-me relacionado mais, por virtude de circunstâncias imprevistas. Primeiro, foi o meu contacto e relacionamento com o senhor Silva Carvalho; depois um contacto fugaz com a Cristina Sant'Ana Costa Vaz num jantar de anos do jornal em que exerço as funções de director-adjunto; a seguir, e mais recentemente, foi o meu encontro com o senhor dr. Nogueira, nascido na Gabela e onde estudou, no tempo em que era lá Reitor do Liceu. Finalmente, o meu contacto e relacionamento mais próximo e repetido com a Cristina. A nossa relação começou com a colaboração dela no meu Jornal que responde pelo nome de «Jornal Amadora-Sintra», onde ela mantém, desde há um ano, todos os meses, colaboração sobre problemas relacionados com a Terceira Idade, sob a epígrafe «Crepúsculo da Vida.» Eu sou fundador e colaborador desde o primeiro número, já lá vão oito anos. Mantenho mensalmente uma crónica de humor sobre casos da vida corrente ou sobre temas em cuja trama se compraz a minha imaginação.

Mas, voltando atrás, direi que a Cristina tem andado nas bocas do mundo. Porque só agora se revelou uma escritora de talento que eu tenho acompanhado e apadrinhado. Sinto-me não só muito contente, mas também muito honrado e orgulhoso porque ela foi minha aluna e tem dito aos quatro ventos que fui eu que lhe dei o gosto pela



Artur Neto Gonçalves no uso da palavra

escrita e pela inspiração poética.

Pois no dia 17 de Outubro fizemos, no «Pavilhão dos Descobrimentos» em Lisboa, uma festa muito bonita com o lançamento do seu livro de poemas «Murmúrios de Búzio» - ó Cristina, onde é que tu foste buscar um nome tão bonito e tão cheio de poesia e simbolismo? Ela gostaria de ter no Pavilhão, onde decorreu a sessão, todas as suas e todos os seus colegas da Gabela. Mas lá estavam alguns – aqueles de quem ela tinha o contacto e puderam vir. Lá estavam os 'Valentes' de Aveiro – a Cami, professora de físico-químicas de uma Escola Secundária próximo de Aveiro e o Jorge Valente, meus ex-alunos que tive o grande gosto de rever - uns valentes, fazendo jus ao nome, porque o muito mau tempo que nesse dia se fez sentir tão ferozmente por todo o país, não abalou a sua força e determinação em estarem presentes na festa da ex-colega. E lá estava o Dr. Carlos Nogueira ao qual eu dirigi um convite muito especial e muito pessoal.

Foi uma festa bonita, esta da Cristina onde,

por ter feito questão nisso, eu estive em pessoa a proferir um discurso, fazendo a ponte com a Gabela e as suas gentes, especialmente os jovens que conosco partilharam as alegrias daqueles anos no Liceu. A Cristina distinguiu-me especialmente e até nos convites chamou à minha intervenção «participação especial». Ora, devo dizer que isso acarretava-me, à partida, uma enorme responsabilidade, tanto mais que na sessão estavam figuras gradas da nossa cultura, com mais traquejo do que eu nestas coisas das letras e das artes e mais habituados aos banhos de cultura. Na véspera, a Cristina telefonando-me, disse-me: 'o sr dr. tem que ser brilhante'. Se fazer um discurso naquelas circunstâncias era uma responsabilidade muito grande, com esta do 'brilhante', ainda mais. Elaborei um discurso a condizer com as circunstâncias, conforme pude e soube e lá fui eu, no meio daquela selecta assembleia, a pronunciar-lo. Parece que, segundo os presentes, o discurso agradou a toda a gente o que, para mim, é um motivo de satisfação e alegria. O

discurso não podia deixar de falar da Gabela e dos jovens que frequentaram o Liceu, com destaque para a Cristina. Depois, detive-me no elogio da poesia e referi o livro de poemas da Cristina, «Murmúrios de Búzio. A festa de lançamento esteve bastante concorrida, apesar do mau tempo. Teve várias intervenções. Da parte do responsável pela edição, - a Editorial Minerva e de mais dois intervenientes. Houve música com letra de alguns poemas da Cristina, houve declamação de sete poemas do livro «Murmúrios de Búzio» pelo grupo 'Jograis Orpheu', houve duas letras de dois poemas da Cristina musicados e cantados expressamente pelo cantor de nome que se prestou a colaborar nesta festa, houve a projecção de um trecho filmado sobre o mar, com um poema declamado em fundo, da mesma autora, houve o meu discurso e houve as palavras de encerramento da Cristina, onde não faltou a referência às presenças dos ex-colegas da Gabela. Finalmente, seguiu-se a sessão de autógrafos.

A Cristina, até ao Natal vai estar muito atarefada: ela é na imprensa escrita, na radio e na televisão. Neste momento em que escrevo, já tem data agendada e assegurada a sua presença num programa da radio – às 14 horas do dia 30 de Novembro, na Rádio Renascença. E fez questão que eu a acompanhe. Lá estarei, pois, a dar o meu melhor.

2. COMO NOS CONHECEMOS - EU E O SR. SILVA CARVALHO

Aqui chegado, permitam que lhes diga como se deu o meu conhecimento e relacionamento com o senhor Silva Carvalho, digníssimo presidente da Associação dos Naturais, Ex-residentes e Amigos da Gabela.

Sob a égide do 'Jornal Amadora-Sintra', constituiu-se um núcleo de 15 'notáveis' os quais se reuniam todas as quintas-feiras à volta de um almoço, sobre cuja efeméride eu redigi, depois, uns 'estatutos de humor' a convite do director do meu jornal e que rematam a publicação do meu livro «VILIRRI (VI-LI-RI). Até que um dia, o director do Jornal me convidou a participar no dito almoço. Então, não é que estava, nesse dia, também convidado, o sr. Silva Carvalho? E foi aí que nos demos a conhecer. Desde então, temos mantido um relacionamento de amigos, cujo traço comum é o nosso amor à Gabela e aos seus naturais e residentes de em tempos.

3. UM ENCONTRO GOSTOSO E INESPERADO

Num dia do mês de Agosto passado, tive o prazer de me encontrar com um gabelense que andou a estudar na Gabela no tempo em que eu fui lá Reitor. Foi um encontro fruto de várias circunstâncias curiosas e agradáveis. Trata-se do sr. Dr. Carlos Nogueira que fez parte dos seus estudos na Gabela, que vive em Lisboa e hoje é um gestor de sucesso, depois de se ter licenciado em económico-financeiras na Universidade, em Lisboa. Logo que soube que eu estava em Albufeira, contactou-me e combinámos um jantar com minha mulher e minha filha mais velha, onde a nossa referência maior foi a Gabela, além de termos contado o nosso percurso biográfico desde que viemos para Portugal. Ele tem estado como administrador de várias empresas. Um homem de sucesso e de um valor extraordinário que, depois de licenciado, esteve 10 anos como docente da Faculdade onde se formou e foi aluno da Universidade de Harvard, nos EUA, a universidade mais famosa da América. De entre 150 alunos de várias nacionalidades ele ficou em décimo lugar. Além do seu

«curriculum vitae» que nos resumiu ali, «curriculum» de fazer inveja a qualquer mortal, admirei nele o seu carácter simples e afável. Quantos, menos do que ele, talvez uma sombra, são uns presumidos, uns distantes, uns convencidos, uns antipáticos?

Ele ainda se lembra bem daquela célebre excursão a Moçâmedes em que participou e dela mostrou guardar as melhores recordações. O mais curioso é que ele não era aluno do Liceu, era da Escola Técnica da Gabela e só esteve, como nosso vizinho, enquanto eu lá estive, um ano, se não erro. Mas soube deixar-se impregnar daquele espírito de companheirismo e boas relações que havia entre toda a comunidade educativa do Liceu tanto a nível de professores, como de alunos. E é um dos entusiastas para a promoção de um encontro entre ex-alunos e ex-alunas do Liceu e da Escola Técnica e, por minha sugestão, está disposto a liderar a comissão de organização.

4. Visita a um bom amigo

A terminar, não posso deixar de dizer que, ao passar uns dias de férias no Alto Minho, com minha esposa, fizemos questão em ir visitar o Senhor Silvestre Domingues e sua esposa, a senhora Mariazinha, como nos habituámos a chamá-la. Um casal que muito nos estimou, a mim e à minha família, na Gabela. Estava com eles, na altura, também o Carlos Domingues, seu filho e meu ex-aluno de quem sempre me lembrei e de que, ultimamente, tinha perdido o rasto. Já o não via há muito e foi ele que nos foi buscar a Vila Praia de Âncora e nos conduziu a casa de seus pais. Co'os diabos! Ia apostar que se ele estivesse sem bigode, o reconheceria. Assim, não o reconheci, nem ele a mim. Por isso, teve de voltar ao lugar

onde tínhamos combinado o encontro, depois de passar por nós sem nos reconhecer. Foi uma alegria termos visto com saúde o sr. Silvestre e esposa que é perita na arte de fazer as mulheres bonitas e rejuvenescidas. E ainda nos demorámos por uma longa tarde e noite de verão e pudemos conversar, conversar, conversar. Que o senhor Silvestre é um óptimo conversador!

ENCONTRO DE ALUNOS/ AS E PROFESSORES DO LICEU E DA ESCOLA TÉCNICA DA GABELA



Se andaste no Liceu da Gabela ou na Escola Técnica entre os anos 1971 e 75;

Se queres rever os e as colegas de Escola;

Se queres participar num encontro em data e local a combinar;

Se queres passar um dia diferente e agradável;

Inscreve-te enviando a tua morada para a ex-colega

Cristina Sant'Ana Costa Vaz

Praceta Cerrado da Bica nº 24-1º Esq.

2700 AMADORA. Telef. 214946737.

Nota: favor comunicar este anúncio a ex-colegas de que saibam a direcção.

RECORDAR É VIVER...

Silva Carvalho

Sem ser polémico o artigo, publicado no número anterior sob esta rubrica, suscitou controvérsia no bom sentido da palavra, originando interesse da parte dos leitores que se questionaram, dando a sua opinião, o que muito me satisfaz, por ficar a saber que as "coisas" da nossa Gabela ainda sensibilizam e mexem com as pessoas que tiveram a felicidade de lá viver e confrontar-se com os seus problemas, ajudando a resolvê-los, sempre com o espírito empreendedor, que muito contribuiu para o seu desenvolvimento e divulgação por toda Angola e visitada como ponto de passagem obrigatória, com referência no roteiro do veraneantes em demanda das terras do Ouro Negro – o café –, de que o Amboim se tomou preferencial pelas suas "roças" e belas paisagens que se desfrutavam, em que pontificavam os deslumbrantes "nascido e pôr do sol", na quietude dos extensos "cafezais" e na penumbra dos constantes "cacimbos" tão característico na região, que filtravam os raios solares nas extensas matas que protegiam e davam vida aos cafeeiros, que muito apreciavam a sombra benfeitora das enormes árvores tão peculiares da flora verde das florestas do planalto do Amboim.

Todos, comerciantes, agricultores e não só, como já referi e não me canso de relembrar, contribuíram para que a Gabela pontificasse, como capital do concelho do Amboim, tornando-se uma cidade airosa e acolhedora, que muitos tiveram o inolvidável prazer de ver crescer e tomar-se atractiva. Eu fui um dos bafejados, por isso a ela me dediquei com tanto carinho, que não me canso de enaltecer.

Como referi, o artigo anterior suscitou reparos, críticas e também elogios. De tudo fiquei ciente e congratulo-me com as observações que me foram feitas, prenuncio de que o artigo fez eco, interessou aos

leitores e deve continuar, para que outros a ele se reportem e contem as suas experiências vividas.

De Angola, Luanda, recebi uma carta do meu amigo Tony Almeida, chamando-me à atenção de que ao me referir ao Dr. Beirão, indiquei o nome do Dr. João Beirão, erradamente, quando devia ter mencionado o do Dr. Henrique Beirão, marido da Sra. D. Ana Maria e pai do João e Henrique Beirão, que conosco conviveram na Gabela e que deu pela "sua" Gabela o seu melhor como causídico e muito em especial como professor. O Dr. João Beirão, irmão do Henrique, em idênticas funções, exerceu-as em Luanda, como Director da Escola e Instituto Industrial.

Fico agradecido ao meu amigo Tony por me ter dado a oportunidade de corrigir um lastimável lapso e também pelos elogios que dirigiu ao seu professor Dr. Henrique Beirão (que passo a citar) como "acérrimo defensor dos interesses da Gabela, um professor exemplar (juntamente com a Dra. Lisete do Colégio Infante de Sagres) e «HOMEM» com um «H» do tamanho do mundo". Obrigado Tony pela tua ajuda e colaboração. Espero que continues a escrever sobre a Gabela dos nossos dias e a de hoje.

Sem outra intenção que não seja recordar dos que me vou lembrando enquanto escrevo e desejoso de os referenciar para que os amigos os recordem, ocorrem-me os nomes que ligados ao ensino, como o Dr. Beirão, que também deram o seu contributo na educação dos jovens, caso dos professores Faria, Lindiva, Rosa Maria, Nóbrega, Tiago e também os mestres Silvestre e Magalhães que os seus alunos como eu, recordarão com carinho e amizade pelo muito que lhes ficaram a dever.

Espero que como eu, outros, muitos, escrevam da Gabela do seu tempo e das sua experiência, para que nunca a possamos esquecer.

RECORDANDO...

Modesto Fevereiro 2000

António Fernandes

Um adeus à cidade que eu escolhi para viver e que me viu crescer, onde eu pensei deixar os meus restos mortais e que o destino assim o não quis. Hoje, aqui tão longe deste imenso Vale de San Joaquim, recordo a pequena aldeia onde nasci, porque nela nasceram os meus três filhos e um deles tantas vezes me fala na cidade onde nasceu e que mal conhece; ele que conhece quase todo o mundo, desde a Europa à China, e que tanto gostava de visitar a cidade que o viu nascer, mas que o estado de guerra que se vive não lhe permite conhecer.

Gabela linda cidade
Pérola do Amboim
Tenho conhecido tantas
Mas nunca nenhuma assim

Adeus ó linda Gabela
Muito em ti tenho pensado
Na tua linda igreja
Onde eu fui casado

A tua linda igreja
O teu belo hospital
Com um jardim ao centro
Como nunca vi igual



Cachoeiras

Adeus ó linda Gabela
Adeus ao lindo painel
Peço a Deus que te guarde
Igreja de Santa Isabel

Igreja de Santa Isabel
Padroeira do Amboim
Adeus ó linda Gabela
Adeus ao lindo jardim

Tinhas uma bela piscina
Onde me ia banhar
Que me lembro de ti
Começo logo a chorar

Eras uma cidade rica
Eras um grande tesouro
Tinhas uma linda paisagem

No cimo do Miradouro

No cimo do Miradouro
Lá no alto do outeiro

Tinhas outras paisagens
A paisagem do Cruzeiro

Gabela linda cidade
Terra onde cresci
Por mais longe que me encontre
Nunca me esqueço de ti

Gabela era tão rica
Agora já não é
Era a terra de Angola
Que dava melhor café

Gabela nunca esqueço
Tuas lindas albufeiras
Tinhas umas belas quedas
As quedas das cachoeiras

Gabela terra querida
Terra de muito dinheiro
Tinhas um belo Miradouro
Que se chamava Cruzeiro.



Morro

Recordo os meus tempos de jovem quando trabalhava na firma Duarte & Martins, onde levávamos os recém chegados da Metrópole aos bambosinos com um saco ou apanhar ananás com uma escada. Lembro muitos amigos e também colegas das boas noites de caça; lembro o amigo Lopes, analista no Hospital a Boa Estrada C.A.D.A.. Quando vinham amigos e familiares do Dr. Ramos à Gabela e que gostavam da caça à perdiz, o amigo Lopes logo se dirigia a mim para os levar a um bom lugar de caça e então esse velho amigo só me dizia: Fernandes, nós levamos esses caçadores mas temos de lhes mostrar que as armas que eles trazem talvez lhes tenham custado uma fortuna, mas não são elas que matam mas sim os que as sabem usar, mesmo que elas sejam velhas. Assim aconteceu algumas vezes. Lembro-me uma vez na Lussamba, onde penso que também fazia parte dessa caçada o cunhado do Dr. Ramos, o Dr. Pinheiro da Silva, Secretário de Estado da Educação (velhos tempos!), em que um brasileiro foi à Gabela fazer publicidade dos cigarros ETA, com mais dois indivíduos de Luanda, e ficaram no Hotel Guaraná, que nessa altura tinha como dono o Sr. Gonçalves, e que foi falar comigo para os levarmos à caça de noite. Lá fomos com uma carrinha, já um pouco velha, para o Cagir. Logo na primeira peça de caça, o Sr.

Gonçalves mete a carrinha a corta-mato e, não tinha ainda anda 50 metros, quando parou e não mais trabalhou. Deviam ser umas 11 horas da noite, triste noite a daqueles pobres homens... e a nossa também. Só nos restava caminhar a pé até à Gabela. Assim aconteceu. Chegámos à Gabela estavam as pessoas a entrar para a missa, já que era domingo. Ainda hoje recordo algumas histórias que aquele pobre brasileiro contou todo o caminho; que foi tropa mas nunca tinha sido obrigado a caminhar tanto a pé, tempos de juventude que passaram, em que nada lhes mete medo. Hoje recordo esses tempos com saudade, porque sou um velho nesta costa dos Estados Unidos; um velho e um inútil porque me sirvo de muletas que me acompanham para toda a parte, cada vez que tenho que sair de casa. Isto é que nos faz pensar nos tempos que nós passámos

naquela cidade, que hoje recordamos com saudade; saudade da minha juventude que tão depressa passou e quando vejo os meus netos já meios homens, lembro-me de quando era como eles e sempre amigo de pregar partidas. Será numa próxima ocasião que eu recordarei outras peripécias que se passaram comigo nessa cidade, porque hoje nada mais posso escrever. Penso só em quem fui e em quem sou.

Nota da Direcção:

António Fernandes viveu, cresceu e casou na Gabela, onde trabalhou no Duarte & Martins e apesar de, actualmente, viver nos Estados Unidos, contacta-nos com frequência, matando saudades da sua Gabela que ainda, como diz, tem um lugar de preferência no seu coração, recordando-a.



Câmara Municipal

A ANGOLA, AOS MORTOS-VIVOS E AOS VIVO-MORTOS

Mário Frota*



* Presidente da APDC (Associação Portuguesa de Direito do Consumo)

O espaço usualmente consignado à promoção dos interesses e à tutela dos direitos do consumidor que "O Comércio do Porto", há um rol de anos, proporciona aos seus habituais leitores reservar-se-á de modo tocante a uma homenagem singela aos que pereceram por Angola e às vítimas da cegueira que atinge os seus principais responsáveis.

Porque outros temas se sobrepuseram no momento em que Angola comemorava o XXIV aniversário da independência, deixou-se escapar a data sem a revelação dos versos que, por tal ocasião, lhe dedicáramos.

Espaço usualmente consignado à promoção dos interesses e à tutela dos direitos do consumidor que "O Comércio do Porto", há um rol de anos, proporciona aos seus habituais leitores, mediante escritos de responsabilidade da APDC - Associação Portuguesa de Direito do Consumo -, em cujo seio mourejamos, reservar-se-á de modo tocante a uma homenagem singela aos que pereceram por Angola e às vítimas da cegueira que atinge os seus principais responsáveis.

Angola - mártir do abominável abandono a que Portugal emprestou o cunho da insensatez e da imaturidade de muitos dos seus "responsáveis", ao tempo, oferece aos olhos do mundo o espectáculo deprimente de uma devastação que atinge, na cruciante intimidade do seu ser, de forma irreparável o futuro: na fome que a avassala, nas epidemias que a acometem, nas vítimas que sucumbem perante a incessante metralha que varre o País de Cabinda ao Cunene e do vicejante Vale do Cavaco às regiões diamantíferas da Luanda.

Qual grito irreprimível contra a sanha avassaladora dos que outra linguagem não conhecem do que a do frémido vômito de metralha, ocorreu-nos gravar em verso, de forma humilde, o protesto de quem faz da voz a sua

arma, em tom pungente, ante o definhamento de uma terra promissora em que a vã cobiça e a loucura mais tresloucada não consentem se afirme a voz da razão.

E os senhores da guerra e os que da guerra - os que comem por sobre as campas das vítimas as mais apetitosas virtualhas - fazem profissão de fé, se arremem e arredem o trágico espectro da morte do quotidiano de uma Angola morena que sangra no coração de todos nós:

A Angola
Deserto de vazios
Terra de Ninguém...

Angola arde em novas febres...

E a esperança renovada
De uma pátria promissora
Esvai-se
Nos corpos que se amontoam
Varados pela metralha dos interesses

Ou
Pela cega intransigência de um poder que corrompe,
Tritura

E condena às galés
O futuro

Mais que o passado
Escravo
Resgatado em terra de Cabral...
E aí, onde a reflexão se queda
Em diagnósticos
Que a amputa
Não recobre,
É de novo a Voz do Poeta
Que se ergue em esforço de prognose póstuma
Que ninguém bafeja:

"Que mundos novos
Vos hei-de sugerir?
Que outros caminhos
Vos hei-de indicar
Quando aperto
Na minha mão
A vossa mão pequenina?
Se eu próprio não sei onde estou
Se eu próprio me espanto
E sofro
Com o meu exílio, afinal?
Um dia hei-de contar-vos
Que para vós sonhei uma pátria
E nela pus o sol mais belo
E o mais belo jardim de rosas
Mas o sol escureceu

E as rosas

As rosas alguém as roubou"

Nos sóis de tom laranja
Que se punham na linha do horizonte
A cor plúmbea
Se lhes imprimiu

À manteiga

Que os campos verdes do planalto
Onde as manadas apascentavam,
Produziam,
Sucederam-se de novo os canhões
E os filhos inocentes
Da terra martirizada
Regam o chão úbere
Da terra que era nossa
Por registo de cinco gerações
Do sangue de corpos exangues
Sobre cujas ossadas
Se não ergue a História

Da dor, da incontida dor
De rostos sem lágrimas
E corações ressequidos
Como os fios de água
Em anos de profunda seca
Não se desenha o presente
Nem se projecta o futuro...
E quando as armas se calarem
E do Kalahari nem sequer brotarem
As resistentes "welwitchia",
A sorte está ditada:
E que Angola se transformou
Pela cegueira dos homens
E a ambição das feras
Num imenso deserto.
E nem sequer,
Em convergência,
Os animais selvagens sobranes
Puderam transformar a terra em coutada
Para exibirem, qual raridade,
Aos seres de outras galáxias,
Um punhado escasso de homens,
Espécie em vias de extinção...
Em tão inóspitas plagas!

A Ridente Angola

De onde irradiava

Vida

É soturno cemitério

Onde nem a morte se cultivava...

in: Jornal "Comércio do Porto", 1999

MENSAGEM AOS GABELENSES

Encontro Mogofores 2000



PROGRAMA

Encontro — 2000 Mogofores

Parque das Merendas — Anadia — Dia 25 de Junho de 2000

09h00 — Concentração	11h30 — Cerimónia religiosa
Actualização e inscrição de sócios	13h00 — Abertura dos farnéis
Recepção de quotas	15h00 — Concentração
10h00 — Recepção aos participantes	16h00 — Convívio e animação
Boas vindas	

Venha, participe e traga, além da família, outros amigos

O Encontro do ano 2000 no próximo dia 25 de Junho é, sem dúvida, um acto que deveríamos comemorar com certa pompa e inesquecível prazer e também de muita dignidade por ser um marco de perseverança no viver dos gabelenses que mantêm um relacionamento, ano após ano, já lá vão mais de 20, desde que aqui nos reunimos, mantendo-nos unidos, realizando os nossos encontros, para mitigar saudades de uma longa vida de relacionamento que teimamos nunca esquecer...

Quando completarmos os 25 anos, espero que com o mesmo espírito de união, num quarto de século de vivência, no ano 2002, seria tempo de fazermos um encontro diferente, que abarcasse o maior número de gabelenses, para uma confraternização em pleno de todos, com um programa aliciante, comemorativo de uma renovada era dos nossos encontros que, por certo, continuarão a ser do agrado de todos e que todos desejaremos manter como elo de ligação...

Vamo-nos manter unidos, atentos e cada um pensar na melhor forma de, com elevação e dignidade, comemorarmos no ano 2002, em Junho, os 25 anos de existência da nossa Associação.

Pensem e emitam o vosso parecer nos próximos encontros sobre as comemorações a levar a efeito nos 25 anos de existência da nossa Associação, para que venha a ser um acontecimento inesquecível ...

Ajudem-nos com o vosso apoio e ideias...

A Direcção agradecida

INFORMAR/COMUNICAR

EXERCÍCIO MENTAL

Luís de Sousa

Ao informarmos ou ao comunicarmos uns com os outros temos de ser claros nas ideias e provar sempre o que afirmamos, sob pena de acabarmos a pregar no deserto.

Com efeito:

AFIRMAÇÃO

João é mortal.

Esta afirmação é clara: os seus termos não são obscuros nem ambíguos.

Contudo, afirmar é provar e o que gratuitamente se afirma, gratuitamente se nega.

Prova:

Há dois modos de provar:

Prova directa

— Factual

Contra factos não há argumentos

Prova indirecta

— Demonstrativa

Demonstra-se discursando, raciocinando correctamente na observância estrita das regras da lógica, seguindo por caminhos rectilíneos, os mais curtos, não ínvios, não tortuosos nem escabrosos.

Contra argumentos haverá sempre outros argumentos.

A prova directa, a prova factual, quando real e efectivamente feita, essa é

irrefutável.

A prova indirecta, a prova demonstrativa, a prova argumentativa, é refutável. Contra argumentos é sempre possível haver outros argumentos, mormente porque - e quando não for de outro modo - haverá sempre formas de viciar o raciocínio. Em boa verdade, qualquer argumento poderá revelar-se inquinado de vícios de raciocínio: as falácias, em qualquer uma das suas duas formas: paralogismo e sofisma.

PROVANDO:

Prova directa

Pego numa pistola e dou um tiro nos miolos do João.

De duas uma:

João morre. Está provado: João é mortal!

João não morre. Não está provado que João não seja mortal.

Não se diga, pois, que por esta via se fica, sem mais, com a prova de que João é imortal. Esta conclusão é, na circunstância, ilegítima e falsa.

A prova directa nem sempre é fácil de se obter. Ou porque, por conveniência, alguém poderá fazer desaparecer os factos probatórios ou porque não é possível ser feita ou, quiçá, porque não é conveniente ser feita.

Não é possível provar, factualmente, que todos os homens são mortais, porque, ao ser morto o último dos homens no uso da prova, esta seria inútil, posto que, na circunstância, não haveria ninguém a quem

a dar; a prova, em verdade, jamais se tomaria possível ser presente fosse a quem fosse.

Não seria conveniente provar, factualmente, que João é mortal ou por se ter todo o devido respeito pela vida humana ou porque ao fazer-se tal prova praticar-se-ia o crime de homicídio voluntário com todas as suas consequências. E não é, por certo, de todo em todo conveniente ser-se condenado com uma pena que bem poderia ser superior a 20 anos de prisão.

Por tudo isso, as mais das vezes, nada mais resta, em termos de prova, senão o recurso à prova indirecta, à prova demonstrativa, à prova argumentativa.

Prova indirecta

Há que demonstrar que João é mortal.

E, demonstrando:

João é mortal porque João é homem e porque todos os homens são mortais.

Com efeito:

Se todos os homens são, efectivamente, mortais; se João é, efectivamente, homem, então João é, necessariamente, mortal.

q.e.d. (quod erat demonstrandum)

Contudo e ainda assim, sempre se poderia questionar a afirmação de que todos os homens são mortais e/ou a afirmação de que João é mortal.

E aqui põe-se o buslilis da questão:

João só será, necessariamente, mortal se se tiver como dado adquirido que todos os homens são mortais e que João é homem. Se não, não!

NINGUÉM ESTÁ ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA. NINGUÉM, POIS!

Luís de Sousa

Ninguém deve estar acima da lei. É verdade! Não é o que se diz por aí?!

E será que alguém deva estar acima de qualquer suspeita?!...

Nem mesmo V.^a Ex.^a, Senhor Presidente, está acima de qualquer suspeita. É, efectivamente, assim... ou não é? Ou não será bem assim?!

Que ninguém deve estar acima da lei, já o sabemos! É ou não é verdade que se vai, por aí... por tudo aí quanto é sítio, dizendo que isto é um Estado de Direito?!... E que, sendo um Estado de Direito — só por isso, chega! — não é nenhuma república das bananas.

Ninguém, nem mesmo V.^{as} Ex.^{as}, está acima da lei — sejam V.^{as} Ex.^{as} quem for. Mais ou menos pintados, pouco importa — ninguém, fora de uma república das bananas, deve estar acima da lei. É isso mesmo. Pois é — convenhamos — e, ao que parece, também por essa mesma razão ninguém deve estar acima de qualquer suspeita.

E ninguém deve estar acima de qualquer suspeita, mesmo em relação a todos quantos não estando acima da lei por não deverem estar, não deixam, porém, de poder estar acima dos outros.

E é por estarem, sempre e sempre acima dos outros, é por essas e por outras tantas como essas que tantos e tantos outros deixaram de acreditar nas historietas da democracia; nas historietas da liberdade; nas historietas do Estado de Direito; nas historietas do princípio da legalidade; nas historietas do princípio da igualdade ainda que só perante a lei; nas historietas da verdade ainda que só relativa e lógica; nas historietas, em suma, da justiça, mesmo quando na aceitação da justiça com todas as suas mazelas, porque é apenas e tão-só, afinal, a justiça dos homens.

Vem toda esta arrazoadada a propósito das

polícias que, em hordas gingonas e com sabor a arruaça, se passearam por aí, ainda há pouquíssimo tempo, na apologia do crime ao pressionarem, ilegitimamente e a título de solidariedade corporativista, o poder judicial e o poder executivo contra a prisão preventiva e julgamento de eventuais criminosos não deixando, à mistura, de reivindicar privilégios para quem a coberto da função de zeladores da ordem pública, tantas e tantas vezes a subvertem, cometendo os mais hediondos e execrandos crimes.

Não é por se ser polícia que não se deva responder como qualquer outro cidadão por crimes cometidos ainda que contra criminosos. Por maioria de razão os polícias deverão responder pelos seus crimes e, seguramente, com muito maior severidade.

Não é por se ser polícia que o Senhor Primeiro Ministro e o Senhor Ministro da Administração Interna devem aparecer na televisão com a preocupação de, ao que pareceu, tolerar, em tibiezas de compreensão, a solidariedade corporativista e de cariz altamente negativo.

A função de polícia é de risco? Pois é! Só vai para polícia quem quer. Ninguém é obrigado a tanto. Antes de qualquer opção é preciso saber o que se quer e para onde se vai. E não se diga que as alternativas são nenhuma!

Vem todo este arrazoadado, ainda e também a propósito dos diamantes e marfins de Angola de que a imprensa por aí se fez eco.

É da sabedoria popular: não há fumo sem fogo!

E mesmo quando a sabedoria popular erra, havendo fumo sem fogo há que indagar, à cautela, a verdadeira causa do fumo e só depois, então, tomar posição, seja ela qual for. Não é sair por aí, prontamente e sem mais, em defesa da sua dama levantando a bandeira do espírito de um qualquer corporativismo.

E dizem que o corporativismo acabou!

Se, porventura, o fogo é de somenos importância, nem por isso deverá ser negligenciado; nem por isso se deve deixar de o detectar, identificar e apagá-lo imediatamente se for caso disso e, se necessário, até mesmo à pazada e sem quaisquer contemplanções. É perigoso abafá-lo. Nunca se sabe quando é que o fogo poderá ser ateado ao abafa, senão mesmo ao abafador.

Se o fogo é grande, há que, por certo, chamar de pronto os bombeiros sem receio ou medo de, com as sirenes a todo o vento, acordar ou ferir os tímpanos seja de quem for, acordar ou ferir os tímpanos de toda a gente, ainda que a desoras.

Quando se diz que este ou aquele está acima de toda e qualquer suspeita, não se estará a legitimar a possibilidade de todo e qualquer um estar acima de toda e qualquer suspeita?!...

Veja-se Craxi e Kholi. E, este, de modo muito particular: Não é Kholi um dos grandes obreiros da Europa?! Por que não estaria ele, mais do que ninguém, acima de toda e qualquer suspeita?!

Veja-se a Dr.^a Leonor Beleza — "pessoa de bem" — no caso dos hemofílicos. Veja-se a solidariedade e de quem para com ela. O bombardeio aos Tribunais e às magistraturas e de quem por causa dela.

É bom assumir lugares de ministro?

Pois é!

É bom assumir lugares de chefia?

Pois é!

Mas também deve ser bom ser-se responsável pelos lugares e cargos que se assumem e por todos e tudo quanto se passe nos respectivos serviços sob a superintendência e orientação de quem os chefia.

Não é, por certo, só pretendas e louvaminhas, chorudos salários, privilégios mil, compadrios, ostentação e acréscimos por inerência, vários, esquecidos do reverso da medalha.

Vejam-se os deputados à Assembleia da República no caso das chamadas "viagens fantasmas"... "viagens fantasmas" com a anuência de quem?!

Coitados, ganham muito pouco!

Seja o caso Miranda Calha e a solidariedade pública que as "pessoas de bem" lhe prestaram. Viram na televisão?!

Coitado do Miranda Calha!

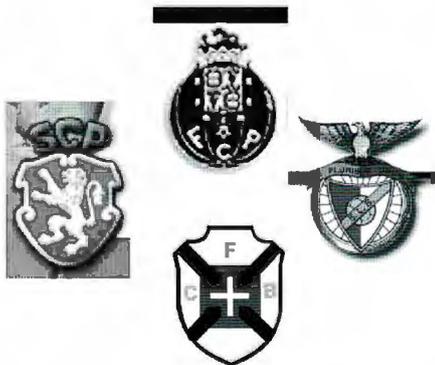
Coitado do Luís Filipe Menezes que até chorou na televisão para milhões verem como é!

Coitado!

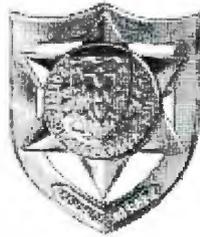
Veja-se o caso de Barrancos no qual o Ministro da Administração Interna de então, não se coibiu de dizer coisas, loisas e trapalhadas tais que se consubstanciaram em séria e grave desautorização do poder judicial.

Veja-se o caso Pequito e as amnistias para os médicos nele envolvidos que, ao que parece, por solidariedade da actual Ministra da Saúde ou por qualquer outra razão menos clara ou menos legítima, se vão para aí engendrando como foi noticiado na imprensa.

São os bingos do Belenenses; são os "totonegócios"; são árbitros e funcionários enriquecidos de um dia para o outro sem se saber como nem porque; são os vencimentos astronómicos — que ofendem a consciência de quem trabalha — de jogadores de futebol que nada mais sabem fazer do que andar atrás de uma bola aos pontapés e aos pinotes;



vencimentos astronómicos que ferem profundamente a consciência de trabalhadores deste País à beira-mar plantado, muitos deles esfalfando-se quase de sol a sol — como nos velhos tempos de Salazar, dirão alguns — ganhando, quando o ganham, alguns míseros contos ou, com sorte, um pouquinho mais do que o correspondente ao salário médio nacional ou, sem sorte, um bom bocado menos com recibos verdes à mistura, sem horários, sem férias, sem subsídio de alimentação e de transportes, sem subsídio de Natal, sem subsídio de desemprego, sem nada de nada e, ainda por cima, obrigados a descontar para a Segurança Social como se fossem verdadeiros profissionais liberais, tal como médicos, advogados, arquitectos ou engenheiros e que, mal lhes dando para o



PSP



GNR

sustento individual, pior lhes dará para o sustento de agregado familiar constituído por mulher e filhos.

São os milhões, como consta para aí, que os clubes de futebol pagam pela compra de jogadores sem se saber muito bem como e por que vias; são dirigentes desportivos com grande notoriedade e visibilidade televisiva em "totonegócios" com Ministros, ora para aqui, ora para ali, ora para acolá, ora para acolí.

E tudo isto assim engalfinhado com os senhores "Nepotesinhos" ou "Nepotesões" cujos filhos, filhas, mulheres e cunhados ocupam lugares cimeiros em instâncias nacionais e até internacionais por mérito próprio. Como se tais lugares pudessem, alguma vez, serem ocupados por filha, mulher e cunhado de quem são e porque são e não por mérito próprio!

Valha-nos Deus, que é demais!

Ninguém deve estar acima da lei. É verdade!

Vistos os casos que vimos de enunciar e que foram propagados e propalados por tudo quanto é "mass media", por que razão, afinal, os polícias não se hão-de amotinar, não se hão-de solidarizar, corporativistamente ou não, com colegas seus pronunciados como criminosos, mesmo fazendo arruaça, mesmo ameaçando de morte Magistrados do Ministério Público ou Juizes de Instrução Criminal?!... Por que razão os polícias não hão-de, então, querer estar acima da lei, mesmo quando nas esquadras — ali onde todos nós nos deveríamos sentir plenamente seguros — matam, esfolam...

Se os polícias não devem nem podem estar acima da lei; não devem nem podem estar acima de qualquer suspeita, por que razão então outros respeitáveis cidadãos que se pavoneiam e se orgulham daquela tal "exemplar descolonização" que para aí está a olhos vistos e de que foram directos protagonistas e sérios responsáveis, esses mesmos que se solidarizaram com "pessoas de bem" no ataque às Magistraturas, por que razão, dizíamos, esses outros respeitáveis cidadãos, hão-de estar acima de toda e qualquer suspeita?!...

Tantos e tão graves são os casos denunciados na imprensa, que já não sabemos bem onde acaba a excepção e começa a regra ou onde acaba a regra e começa a excepção.

Tantos e tão graves são os casos denunciados na imprensa, que já não sabemos bem onde acabam as repúblicas das bananas e começam as não repúblicas das bananas ou onde acabam as não repúblicas das bananas e começam as repúblicas das bananas.

Ou será que sendo dever de todos e de cada um não estar acima da lei, há, contudo, quem esteja mais abaixo dela do que outros?!...

Se é isso, estamos conversados e muito bem entendidos.

Ainda assim, pergunte-se: não se estará entregue à bicharada tal como se está em qualquer uma das muitas repúblicas das bananas que, em o sendo, contudo, o dizem não ser?!...

A FAUNA DE ANGOLA

Mário Pirelli

Há muitos anos que se nota a falta de um verdadeiro conhecimento da fauna de Angola, tanto entre o público em geral, como entre os caçadores em especial – falta que resulta em grande prejuízo para a protecção da mesma e que às vezes pode criar situações bastante melindrosas entre o caçador e o fiscal.

É impossível por exemplo legislar sobre a protecção parcial ou total a certos animais, se ninguém sabe, exactamente, como eles são.

Esse caso dá-se por exemplo com o «guelengue», nome que existe em diversas regiões para diferentes animais, ou com o «bambi grande» do qual somente muito poucas pessoas sabe que se trata do de «dorso amarelo; com o «Situtunga», desconhecido, nas suas características, da maioria dos caçadores; a ainda com a «conca» e muitos outros animais do anexo n.º 3 do Regulamento de Caça. Finalmente, não parece justo impor uma protecção severa com multas elevadíssimas; por exemplo ao caçador da Zebra Hartmann, se ninguém sabe quais as diferenças entre esta e a zebra normal, ou ainda uma multa de Esc. 100.000\$00 para quem mate um rinoceronte Burchell, se ninguém conhece as características do mesmo.

é sabido que a ética da caça desportiva não é normalmente respeitada pelos caçadores de Angola que, em geral, abatem indiscriminadamente qualquer animal, pelo simples prazer de matar, com a preocupação de ver se se trata duma fêmea, de um animal protegido pelo Regulamento ou duma espécie rara.

Tudo isto causa naturalmente prejuízos, não só quanto à riqueza que representa a fauna selvagem em certas regiões de Angola, mas também à nossa propaganda turística, exactamente num momento em que devíamos fazer tudo para deixar nos nossos visitantes as melhores impressões.

Para se conseguir uma licença para conduzir automóveis é preciso o respectivo exame, relativamente rigoroso, sobre problemas de trânsito e funcionamento do motor do veículo. Para se obter uma licença de caça, assunto de bastantes responsabilidades, ninguém pede os mais ligeiros conhecimentos da fauna e assim o seu portador pode transforma-se, facilmente, em potência, num matador indiscriminado.

Talvez não fosse absurdo exigir a cada candidato à obtenção da licença de caça um estudo das características mais importantes da fauna angolana, concedendo-a somente depois de um exame — mesmo oral — sobre o assunto, dando grande importância à descrição exacta dos animais, parcial ou totalmente «protegidos», ou seja, daqueles cuja caça é proibida.

Evitar-se-iam assim muitos abates inúteis e chegar-se-ia lentamente a criar uma certa noção da ética de caça entre os possuidores da respectiva licença.

O resultado seria vantajoso sobre todos os aspectos.

Devemos ainda observar que o agrupamento dos diversos animais e ordem pela qual são apresentados correspondem à ordem e método seguidos pelo «Regulamento de Caça em Angola»

ANTÍLOPES

Grandes e médios antílopes:

1) CAAMA ou Vaca do Mato: (Ingl.: Red Hartebeest — franc.: Bubale Caama — alem.: Angola Kuh-antílope — lat.: *Alcelaphus caama evalensis*).



Trata-se dum antílope de porte médio, com cerca de 1,20/1,30m. de altura na espádua, a pele castanho-dourado e desenho preto na parte anterior da cabeça. Os troféus (1) são relativamente curtos e grossos, tomando a forma de «U» visto de frente, com as pontas dobradas para trás de maneira brusca. O habitat original da espécie *alcelaphus* é em toda a África, excepto nas regiões absolutamente desérticas e nas florestas densas.

A subespécie *evalensis* de Angola existe ainda em certas quantidades na região sudoeste da Província, com tendência para diminuir, sendo presa fácil para qualquer caçador. A adopção da denominação Caama em vez de «vaca do mato» seria recomendável, visto tratar-se dum nome aceite Internacionalmente. (Record: 26" - Oranje).

(1) Por troféus entendemos a parte do animal que assim é considerada internacionalmente (chifres nos antílopes, defesas no elefante, etc.).

2) CACU: (ingl.: Tsesseby ou Sassabi — alem.: Leierantopile ou Halbmondantilope — lat.: *Damaliscus lunatus*).



O Sassabi (como seria preferível chamá-lo em português) é de porte médio com cerca de 1,20 m. na espádua. A pele é dum bonito castanho-escuro, com reflexos vermelhos. O troféu é bastante curto e relativamente fino em forma de um «V» largo e as pontas curvadas para dentro. O *damaliscus* tem originalmente o seu habitat em toda a África ao Sul do Saará e contam-se 12 subespécies, frequentes em toda a parte excepto na África do Sul, onde somente existe em reservas.

Em Angola, o Sassabi encontra-se ainda actualmente em grande número no sudoeste da província e na região das Coutadas do Cuando-Cubango. É um animal absolutamente inofensivo e presa fácil para qualquer caçador (Record: 17,5" — Rodésia).

3) CABRA DE LEQUE: (ingl.: Springbuck - franc.: Le Springbuck - Alem.: Angola-Springbock - lat.: *Antidorcas marsupialis angolensis*)



Existem do antidorcas três espécies com habitat restrito a regiões de savana aberta, semi-desérticas ou desérticas, no sul de Angola, no Kalahari e em certas regiões de África do Sul. Este elegante animal tem a pele vermelha com faixas castanhas laterais e na parte final do dorso um triângulo branco que, em estado normal, é pouco visível, abrindo-se em forma de "leque" em ocasiões de excitação e no momento da morte. Os troféus curtos e relativamente finos têm a forma de uma lira.

Este animal, que há poucos anos se encontrava em enormes manadas no deserto de Moçâmedes, está condenado ao extermínio devido à acção de caçadores irresponsáveis que o abatem indiscriminadamente para o aproveitamento da carne. (Record: Kalahari - 19", Angola - 14" ¼)

4) ELAND ou Cejo ou Gunga (ingl.: Cape Eland - franc.: Élan du cap - alem.:

Elenantilope - lat.: *Taurotragus oryx*).



O "Regulamento de Caça" de Angola, na sua lista não indica exactamente de que subespécie se trata e, estudando diversos autores estrangeiros pode chegar-se à conclusão de que existem realmente duas subespécies do Eland em Angola, ou sejam o Eland do Zambeze (*Taurotragus oryx livingsstonii*) e o Eland do Cabo, (*Taurotragus oryx oryx*), sendo, porém, as diferenças entre as duas subespécies tão

insignificantes, que pouca importância têm para o caçador desportivo.

O primeiro prefere como habitat regiões arborizadas com bastante pluviosidade; o segundo vive em savanas abertas e áreas relativamente secas.

Contam-se do *taurotragus oryx* oito subespécies, das quais três são conhecidas como Eland Gigante, tendo como habitat a África Ocidental ao norte do Equador. Esse enorme antilope que chega a pesar perto de uma tonelada, tem uma pele cinzento-amarelada e troféus retorcidos em linha recta e em forma de "V" estreito.

O Eland normalmente vive em grandes manadas, existindo, porém, entre os mais velhos, bastantes solitários. É de carácter inofensivo e em certos países chegou a ser domesticado. Em Angola, não há muito tempo, podia encontrar-se Eland um pouco por toda a parte. Devido, porém, a ser um animal fácil de caçar e ao grande rendimento da sua carne, é hoje bastante raro.

É, contudo, com agrado que se nota já o seu reaparecimento, em grandes manadas, no Parque Nacional da Quiçama.

No sul de Angola encontram-se alguns exemplares, sobretudo na região das Coutadas do Cuando-Cubango (Record: 37" - Barotsulândia)

5) ORYX ou Guelengue (ingl.: Cape Oryx - franc.: L'oryx gazelle - alem.: Spiessbock - lat.: *Oryx gazella blanei*)



Seria muito conveniente evitar a denominação de Galengue ou Guelengue para o Oryx, visto que a mesma é utilizada na região do Cuando-Cubango para o Gnu (*Gorgon taurinus*), o que gera certa confusão.

O Oryx pertence, sem dúvida, aos trofeus mais elegantes da fauna africana.

Existe no continente em seis subespécies; em habitats semi-desérticos que se estendem do sul do Saará até à África do Sul. A pele da subespécie "gazella" sul-africana do sul de Angola é de um cinzento-amarelado muito claro, rosto branco, com desenho preto, "manchetes" pretas nas mãos e cauda preta. O troféu é direito e muito comprido, em forma de espada.

Antigamente, o Oryx existia em grandes manadas no deserto de Maçâmedes. Devido, porém, à actividade dos caçadores de carne, foi completamente extinto naquela região. Hoje, graças a uma muito louvável fiscalização, existem manadas apreciáveis do Oryx, no Parque Nacional de Porto Alexandre. (Record: 48" - Bechuanalândia)

6) GNU ou Boi-Cavalo (ingl.: Gnu ou Wildebeest - franc.: Le Gnu ou Bleu - alem.: Suediches Streifengnu - lat.: (no Regulamento de Caça em Angola: *Gordon taurinus*. Outros autores: *Connochoetes taurinus taurinus*).



Como já foi dito acima, este animal chama-se também, na região do Cuando-Cubango, "galengue" ou "guelengue", denominação que devia ser evitada.

O Gnu existe em cinco subespécies distribuídas desde o Kénia até à África do Sul e abrangendo o sul de Angola. O Gnu é um animal estranho, tendo o corpo de um antílope, mas com a parte das ancas muito mais baixa que a espádua.

Os trofeus são curvos, bastante curiosos, parecendo de certo modo a caricatura do

búfalo. A pele é muito escura, com reflexos azuis.

É presa extremamente fácil para o caçador.

Há certas regiões onde ainda existem grandes manadas, como por exemplo no trajecto Caiundo - Cuangar. (Record: 24" - Moçambique).

(in *Revista de Angola*, n.º 102, 2ª quinzena, Agosto 1965)

PARÓQUIA DA RAINHA SANTA ISABEL

Quando passei por Portugal em Novembro passado para conseguir alguns meios para a construção da casa paroquial da Gabela, O Sr. Engº António Castro, "S. Miguel", deu-me a cópia de uma foto muito antiga da cidade da Gabela. Mostrava um cruzeiro que havia na actual rotunda da polícia. Quase ninguém se lembra dessa cenário. Foi um espanto para todos. Mesmo para os políticos.

Neste ano do Jubileu 2000, os cristãos da Gabela gostariam de deixar uma "marca" da sua fé, a testemunhar às gerações futuras que uma geração de crentes viveu esse acontecimento, mesmo no meio de grandes tribulações. Para tal, gostaríamos de fazer uma réplica desse cruzeiro para ser implantado, não na rotunda, mas no início da pequena alameda que divide as duas faixas da avenida que dá para a Igreja. Seria feita uma pequena escadaria que terminaria num pedestal sobre o qual se colocaria a cruz. Ainda não temos planta do mesmo, mas vou pedir a um arquitecto alemão, que está connosco a orientar várias obras da Diocese, que me

faça um boneco, até para ser aprovado pelas autoridades competentes. Assim, ficaria mais vincada a ideia que essa é mesmo a avenida da Igreja, embora alguns tenham inventado outro nome, mas que ainda não é oficial.

Pensei numa cruz de granito, mas aqui não há canteiros para fazerem esse trabalho. Lembrei-me de lhe sugerir que propusesse essa ideia aos "Gabelenses" aí residentes para se cotizarem para a feitoria dessa cruz em granito feita aí e enviada num contentor com outras coisas que nos chegam daí de vez em quando. O resto do monumento seria feito aqui por nós. Deixo-lhe a ideia e agradeço que oportunamente me desse uma resposta para ver se era possível materializar a ideia ainda este ano. Oportunamente, vou enviar-lhe um desenho do projecto. aguardo pelo Arquitecto que neste momento está de férias na Namíbia. Seria uma forma de vincular mais os "gabelenses" a este bocado de terra que tanto amaram e amam.

P. Augusto Farias



EMENTAS TRADICIONAIS ANGOLANAS

estampa, também uma edição do CITA, "Alimentação Regional Angola".

Satisfazemos neste número e seguintes o desejo manifestado, apresentando algumas ementas tradicionais da Província, como elemento de estudo para quantos se debruçam sobre estes assuntos.

Quantidades utilizadas:

Peixe fresco - 500gr.

Muamba - 200gr.

Cebola - 30gr.

Tomate - 100gr.

Sal - quantidade desejada

O guisado assim preparado é acompanhado com Funge que pode ser de fuba de milho ou mandioca (bombó).

PEIXE FRESCO COM MUAMBA



Preparação

O dendém é cozido e esmagado com um pilão, separando-se o caroço da

polpa. Comprime-se bem a massa obtida, lavando-a com um pouco de água fria e recolhendo num tacho, após ter sido coada num passador. O líquido obtido de consistência oleosa e espessa é conhecido com a designação de Muamba.

O peixe devidamente preparado e cortado é cozido com cebola, tomate, sal e, se se desejar, com algum gindungo moído, adicionando-se ao conjunto a muamba. Leva-se seguidamente ao fogo.

Não sendo possível conseguir-se os frutos do dendém, pode utilizar-se óleo de palma de boa qualidade. Neste caso, o molho da cozedura deverá ser grossado com "fuba de bombó" dissolvida num pequeno volume de água.

Preparação

Funge - Ferve-se a água. Pouco a pouco vai-se adicionando a fuba, mexendo sempre com uma colher de pau ou mesmo com um simples pau limpo, até se obter uma massa mais ou menos homogénea e consistente. Serve para acompanhar qualquer guisado. Nalgumas regiões do sul, dá-se o nome de Pirão ao "funge", enquanto que no norte é o prato que a seguir se descreve:

Pirão --- Depois de cozido o peixe com muito caldo, retira-se a parte da gordura sobrenadante que se deita para um recipiente contendo farinha de mandioca torrada, mexendo bem com uma colher, ou retira-se uma parte do caldo para um tacho que se põe ao lume e onde se deita, em pequenas porções, a farinha, mexendo sempre para evitar a formação de bolhas, até cozer e ficar mais ou menos consistente e homogénea.

Eng.º Agrónomo

Joaquim Xabregas

De várias origens, especialmente de países estrangeiros - ainda agora, um hoteleiro do México - nos dirigem pedidos no sentido de publicarmos receitas de pratos tradicionais da culinária de Angola, uns para estudos sociológicos, outros para, talvez, procurarem uma adaptação ao gosto da sua clientela.

Pouco há escrito sobre esta matéria. Um ou outro escritor faz referência a este ou aquele "prato", mas não alude à forma de confecção. Só recentemente o engenheiro-agrônomo Joaquim Xabregas, vogal da Comissão Provincial de Nutrição de Angola, publicou "Algumas ementas angolanas - Seu significado nutritivo" (edição do CITA), e logo após o grande etnógrafo que é Óscar Ribas deu à

Quantidades empregadas

Farinha torrada - 500gr.
Caldo de peixe - quantidade desejada

Análise de nutrientes**Prato de peixe com Muamba**

Calorias: 878
Proteínas: 97
Lípidos: 53
HCO: 240.06
Cálcio: 212.00
Ferro: 5.31
Vitamina A: 2.100
Tiamina: 0.37
Niacina: 15.73
Vitamina C: 31.00

Prato de Pirão

Caloria: 150
Proteínas: 8gr
HCO: 385gr.
Niacina: 60mgr.

Prato de Funge

Calorias: 1570
Proteínas: 8gr.
HCO: 385gr.
Niacina: 60mgr.

*Artigo publicado na Revista de Angola, n.º
102 - 2ª quinzena - Agosto/1965*

FALECIMENTOS

É com imenso pesar que se comunica o falecimento de Luís Figueiredo, sócio n.º 569, a 14 de Novembro de 1999, num trágico acidente à saída do seu emprego.

Lamenta-se, igualmente, o falecimento da mãe de António Castro, esposa do Sr. Castro da S. Miguel. Há ainda a lamentar a morte de António Duarte Lopes Lobo, que faleceu no passado dia 3 de Fevereiro em Cacém.

A todas as famílias endereçamos as mais sentidas condolências.

A Direcção da Associação

EXTRACTO DA CONTA CORRENTE REPORTADA A 31 DE DEZEMBRO DE 1999**MOVIMENTO DE RECEITAS**

Saldo em 31 de Dezembro de 1998	1.211.311\$00
Quotas de vários anos	407.592\$00
Boletim "O Gabelense"	17.095\$00
Juros de depósitos	20.404\$00..... 445.091\$00
Soma	1.656.402\$50

MOVIMENTO DE DESPESAS

Pagamento dif. Bol. "O Gabelense"	28.370\$00
Envio de correio	124.951\$00
Boletim "O Gabelense n.º 4"	148.000\$00
Aluguer do Parque das Merendas	40.000\$00
Prémios do Dia do Encontro	13.490\$00
Aluguer da aparelhagem de som	50.000\$00
Aluguer das mesas	80.000\$00
Comp gráfica Bol. "O Gabelense" n.º 4	32.000\$00
Comp gráfica Bol. "O Gabelense" n.º 5	40.000\$00
Entrevista (jornalista) Bol. n.º 5	5.000\$00
Fotocópias	2.000\$00..... 563.811\$00
Saldos:	
Em depósitos à ordem	292.591\$50
Em depósitos a prazo	800.000\$00..... 1.092.591\$50
Soma	1.656.402\$50

As contas reportam-se ao movimento da actual direcção e são reportadas ao ano de 1999, com o apuramento do saldo de Esc.: 1.092.591\$50, comprovado pela prestação de contas da tesouraria.

O Tesoureiro, ass. Acacio Oliveira

O Presidente, ass. Luís Silva Carvalho

GALERIA



Caves Alliance
Aliança Caves



Empresa dos gabelenses CASTRO de vento em popa

Baluarte da habitação a preços controlados

Fazer dois apartamentos por semana é a média da CAMAP Construções, Lda, pertencente aos irmãos António e Luis Castro. Naturais da Gabela, os "manos Castro" sediaram-se em Aveiro, onde são reconhecidos como baluartes da construção de habitações a preços controlados.

Depois da Vila Jovem, onde foram investidos dois milhões de contos em 180 apartamentos e 40 lojas, chegou a altura de avançar para os acabamentos da segunda fase da Cidadela de Aveiro. O nome diz tudo. "Cidadela é uma pequena cidade, onde há tudo. É o que estamos a fazer em Esgueira, onde para além dos 240 apartamentos T2 e T3, construímos dois parques de estacionamento subterrâneo e 21 lojas, das mais diversas áreas, desde supermercados acreche e jardim infantil, passando por bancos, centros médicos e parques desportivos e de lazer", diz Luís Filipe Castro.

Atendendo à "incomparável" relação qualidade/preço (T2 a 12.500 contos e T3 a 14.500), não admira que os apartamentos tenham sido vendidos num ápice, havendo já uma lista de espera de 1.500 pessoas para o novo empreendimento ainda sem nome, que irá

nascer ao lado da Cidadela de Aveiro. Na freguesia de Esgueira irão surgir, dentro de dois anos, mais 220 apartamentos e dez moradias unifamiliares.

Luís Filipe Castro só lamenta que a nova política de terrenos da Câmara de Aveiro seja "especulativa" e, por isso, impeditiva de avançar para um quarto projecto. A solução foi avançar para Ílhavo, onde a CAMAP vai erguer 45 apartamentos em frente há Escola Secundária.

Apesar dos baixos preços, só possíveis graças às vantagens fiscais de quem constrói nestes moldes e à capacidade da empresa que faz tudo do princípio ao fim sem recorrer a sub-empresas, o responsável da empresa assegura a elevada qualidade dos apartamentos, que vão manter a traça dos primeiros, ou seja, rústicamente revestidos. A selecção de moradores em lista de espera é feita pela empresa que tem em conta uma série de factores. Excluídos à partida estão especuladores imobiliários, dando-se preferência aos casais mais novos e às famílias mais numerosas. Os melhores clientes da CAMAP são jovens licenciados em início de vida.